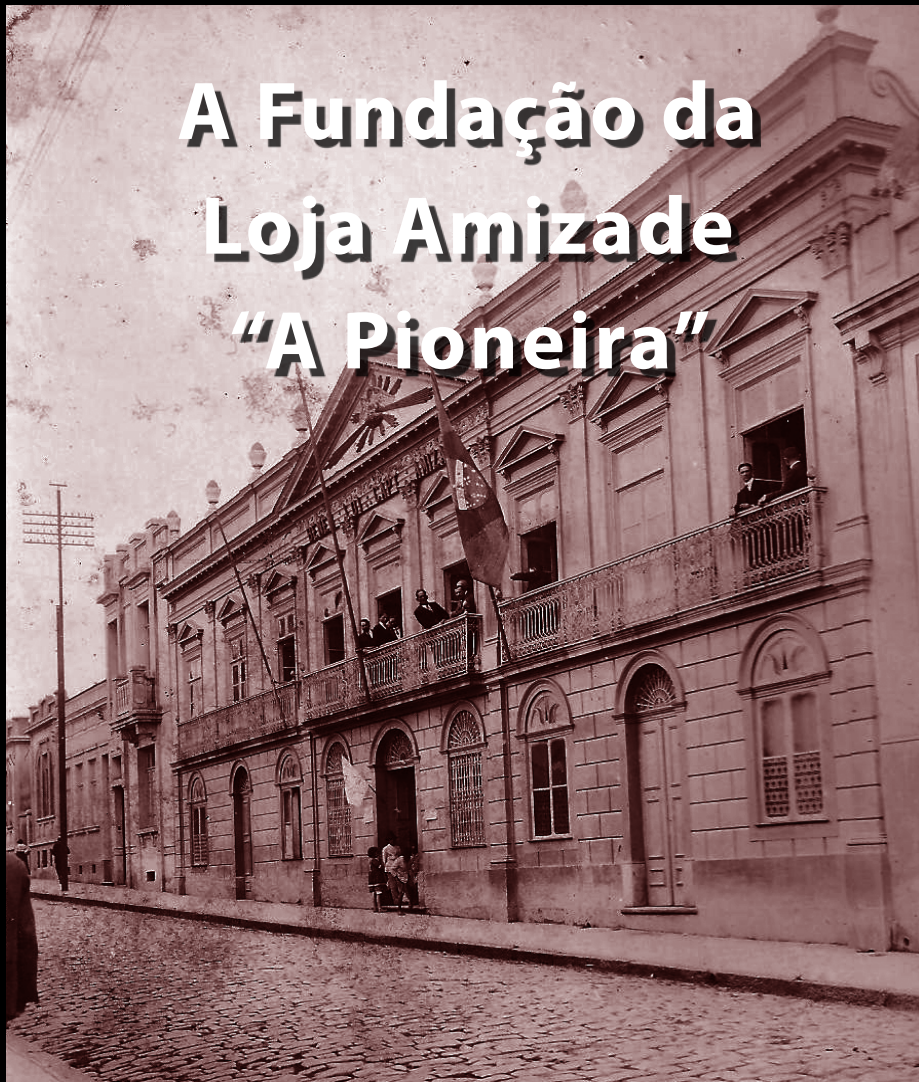


Rodrigo A. Criscuolo e Hayram Nicácio

# Amizade

A Fundação da  
Loja Amizade  
“A Pioneira”



São Paulo - 13 de maio de 2012



## A Pioneira

Por ocasião da comemoração dos 180 anos da fundação da “Loja Amizade - A Pioneira”, os Irmãos desta Oficina decidiram tornar mais próxima sua história ao contato das pessoas, dentro e fora da Maçonaria. Fruto desse sentimento, o resumo histórico que ora se apresenta é o primeiro que pretendemos publicar, dando conta de diversos momentos de nossa história.

Para muitos, o estudo da história de uma instituição de nada serve, a não ser para as avaliações escolares. Mas, para quem já percorreu o centro da capital e certamente conhece a esquina das ruas Dr. Falcão e Líbero Badaró, surpreender-se-á em saber que esses importantes nomes guardam íntima relação com a história da Amizade, dentre vários outros nomes que compõem a nossa vida enquanto brasileiros e paulistas.

# Surgimento da cidade

Não há como se falar da origem da Loja Amizade sem que remontemos ao surgimento da cidade de São Paulo.

No ano de 1832, São Paulo era uma cidadezinha modesta e acanhada e, embora já fosse a capital administrativa de uma vasta área do país, ela pouco crescera em relação ao seu núcleo inicial, surgido em 1554, com os jesuítas.

A Companhia de Jesus fora instalada em Portugal em 1540 e, em 1549, o rei D. João III envia ao Brasil uma primeira missão, composta por seis padres e liderada pelo padre Manoel da Nóbrega, a qual foi embarcada na comitiva de Tomé de Souza, a 7 de janeiro de 1550. Logo, um de seus componentes, o padre Leonardo Nunes, foi enviado a São Vicente para, ali, fundar um colégio. Nomeado Provincial da Companhia em 1553, o padre Manoel da Nóbrega, dirigindo-se a esse local, julgou insuficiente o número de padres e mandou buscar na Bahia outros, entre os quais o irmão José de Anchieta. Percebendo, entretanto, que os pais dos alunos do colégio, em sua maioria, moravam no interior, seguiu para o sertão, guiado por um filho de João Ramalho, para encontrar local mais apropriado, conhecendo, então, no planalto, a aldeia de Santo André da Borda do Campo. Atraído pela fertilidade da terra, decidiu, ao regressar a São Vicente, enviar um grupo de padres ao planalto, para que dessem início à instalação de um colégio no local escolhido, entre os rios Anhangabaú e Tamanduaté.

Nesse local, a 25 de janeiro de 1554, quando se comemora a conversão de São Paulo, foi rezada uma missa, pelo padre Manoel de Paiva. Nesse dia, foi fundado o Colégio de São Paulo em homenagem ao apóstolo.

O aglomerado urbano, todavia, cresceu muito lentamente, apesar de reforçado com a população da extinta vila de Santo André da Borda do Campo, sendo, alguns anos depois, elevado à categoria de vila, sob a denominação de São Paulo de Piratininga, a lembrar a presença do Colégio dos jesuítas e o nome dos campos da região. Por todo o decorrer do século XVI, a vila era uma boca do sertão, como a única localizada no planalto, entre todas as vilas então existentes.

Só no decorrer do século XVII e no início do século XVIII é que ela começou a se sobressair como a verdadeira capital do bandeirantismo. Graças a isso, foi, em 1711, elevada à cidade, tornando-se sede de uma grande área do país, já que a capitania de S. Paulo abrangia Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e toda a região dos Estados sulinos até o Rio Grande do Sul. Em 1827, ocorreria um fato que daria a S. Paulo uma grande projeção cultural: a instalação de um dos primeiros cursos jurídicos do País; o que fez com que a cidade passasse a receber estudantes vindos de todas as partes do império, aumentando a sua atividade sociocultural.

Mesmo assim, ela não cresceu em área e, em 1832, cinco anos depois, limitava-se à colina de origem, ocupada pelo triângulo urbano, delimitado pelos riachos Anhangabaú, Tamanduaté e Bexiga, hoje canalizados. Os seus bairros, localizados além desses riachos, eram arrebaldes sem edificações, a não ser por esparsas chácaras.

São Paulo tinha uma iluminação urbana feita com azeite de peixe, através de lâmpões suspensos a postes de madeira ou presos diretamente nas paredes das casas. Não havia canalização de água, a não ser a do córrego Saracura – que era afluente do Anhangabaú – e a represa do tanque do Bexiga, que abastecia de água o chafariz do Largo da Misericórdia e uma bica do Largo da Memória.

Nesse ambiente e em função direta do impulso cultural dado pela criação da Academia de Direito é que seria criada a primeira Loja Maçônica da cidade de São Paulo e a segunda da Província.

Em 1828, a cidade de São Paulo ganhara uma nova função que veio caracterizar a cidade até os dias atuais - a cultural - decorrente da criação da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, por lei de 11 de agosto de 1827. A Faculdade mudara a fisionomia da cidade. Com muitos viajantes estrangeiros chegando, São Paulo ganhara a denominação de cidade acadêmica. A Faculdade de Direito começara a funcionar nas dependências do convento de São Francisco, com o legado da Biblioteca do Bispo de Funchal ao Convento de São Francisco. Além de a Faculdade transformar São Paulo em um polo cultural, também foi responsável por ser o centro de irradiação do pensamento liberal, influenciado pelos movimentos da Revolução de 1830, que teve início na França. O Liberalismo surgiu como inimigo dos privilégios concedidos a qualquer classe social e acontecera numa época represada pelo absolutismo de D. Pedro I.

Com a Academia, a cidade se transfigurou. A pacata e provinciana cidade, cuja zona urbana possuía menos de 10.000 habitantes e era a décima do Brasil (estavam à sua frente a Corte, Salvador, Recife, Belém, Niterói, Porto Alegre, Fortaleza, Cuiabá e São Luís), via-se, de repente, transformada em sede de uma escola superior invadida por uma juventude alegre e em morada de sisudos mestres que vinham aos poucos. Nela, passaram a se abrir amplos horizontes para a vida cultural e política da nação.

A década de 30 do século dezenove marca, historicamente, o início das sociedades secretas na Província de São Paulo e o momento era o melhor possível. A instalação da Academia de Direito em São Paulo, a abdicação de D. Pedro I na pessoa de seu filho Pedro de Alcântara em 7 de abril de 1831, inaugurando o período regencial como experiência republicana, tudo concorria para uma abertura liberal em oposição ao absolutismo dos últimos anos do 1º Reinado.

E, de fato, no ano longínquo de 1832, ao 13º dia de maio, José Augusto Gomes de Menezes e Vasconcellos e Drumond, conhecido pelo nome maçônico de Badaró, se unia a mais 10 irmãos, fundando a primeira corporação maçônica da capital de São Paulo. Nesta ata de fundação, além de Badaró, constam as seguintes presenças: Constância (Bento Joaquim de Sousa), Wans-walles (Constância José Xavier Soares), Francklin (João Manuel Lopes Pimenta), Ractkiff (Luís Fortunato de Brito), Cepê (Bernardino José Queiroga), Petion (Manuel de Jesus Valdetaro), Gató (Trajano de Carvalho) e Ataliba (Jayme da Silva Telles), iniciados no dia da fundação, e mais dois, Voltaire e Trajano, que ainda não foram identificados.

Nossa Oficina, instalada na rua Detrás da Boa Morte (próxima às atuais ruas Tabatinguera e Dr. Rodrigo Silva), adotou inicialmente o Rito Moderno e pertencia à jurisdição do Grande Oriente Brasileiro (ou do Passeio). Após sua regularização em 17 de julho de 1832, passou a adotar o Rito Escocês Antigo e Aceito, que havia sido recentemente introduzido no Brasil, já que anteriormente, imperavam os Ritos Moderno e Adoniramita, os primeiros implantados no país. Somente em 1861, a 1º de julho, é que a Loja seria filiada ao Grande Oriente do Brasil, numa época em que o Passeio já havia praticamente desaparecido. Ali, receberia o nº 141.

Esse foi um fato importante porque, em poucos anos, a maior parte das Lojas da Província de S. Paulo adotava o Rito Escocês Antigo e Aceito, apesar deste ter ingressado no país quase trinta anos após o Rito Moderno. E, assim, a Loja Amizade adota o rito Escocês Antigo e Aceito, passando a pertencer também à Obediência do Supremo Conselho do Grau 33, tornando-se Loja Capitular.

Não sem razão, o Irmão José Augusto Gomes de Menezes adotou o apelido maçônico de Badaró, remissão à figura já ilustre de seu amigo Líbero Badaró, responsável por um dos jornais liberais mais combativos do tempo do Império, "O Observador Constitucional".

Seu jornal, impresso nas oficinas do "Farol Paulistano", começou a circular no dia 23 de outubro de 1829. A atividade jornalística de Badaró duraria quase treze meses, pois que foi vítima de uma emboscada na noite de 20 de novembro de 1830. Recebeu um tiro de pistola no baixo ventre quando retornava à sua casa, na então rua Nova de São José, hoje Líbero Badaró, defronte à atual ladeira Dr. Falcão, vindo a falecer no dia seguinte, às 22 horas.

A casa de Líbero Badaró andava sempre cheia de estudantes, o que aumentava seu prestígio e popularidade. Além disso, lecionava gratuitamente matemática no curso anexo da Faculdade. Quando houve verba para pagar o professor, o governo contratou outro, pois que Badaró era mal visto por ser liberal e liberal convicto. Entre os estudantes que freqüentavam sua casa, encontrava-se justamente José Augusto Gomes de Menezes, o fundador da Loja Amizade, seu grande amigo, bacharelado da Academia de Direito e colaborador de "O Observador Constitucional".

Em 1873, por trabalhos indefesos dos inesquecíveis irmãos Dr. Clemente Falcão de Sousa Filho, Tenente Coronel Francisco Martins de Almeida, José Alves da Silva Porto e Aurélio Joaquim de Sousa Fernandes, inaugurou-se o edifício da Loja localizado na Rua Tabatinguera, templo esse que, por prolongado período, era o local de encontro da Maçonaria paulistana. Marcou uma data memorável a inauguração do novo templo, realidade grandiosa para aqueles tempos, em solenidade excepcional, onde, além de grandes homenagens tributadas a aqueles cinco valorosos irmãos, foram libertados cinco escravos, distribuídas avultadas esmolas aos necessitados e adotada, como filha da Loja, uma pobre criança, órfã de pai e mãe.

A Loja Amizade terá papel destacado na vida de São Paulo. “No dia da inauguração do (seu) templo, em 17 de junho de 1832, já contava a Loja avultado número de membros, que trabalhavam de conformidade com o Rito Moderno”.<sup>1</sup>

Em 1893, todavia, ela seria dissidente, participando da fundação de um Grande Oriente autônomo, liderado por Martim Francisco Ribeiro de Andrada III, só retornando à jurisdição do Grande Oriente do Brasil em 1898. Em 1927, participou da fundação da Grande Loja do Estado de São Paulo, onde recebeu o número 1, como Loja mais antiga, mas, já em 1935, era reintegrada ao Grande Oriente de S. Paulo, federado ao Grande Oriente do Brasil.

A Loja Amizade, por ser a primeira da capital paulistana e também por ter em seu seio, desde a fundação, membros ligados à Faculdade do Largo São Francisco (José Augusto de Menezes, Bernardino José Queiroga e Manuel de Jesus Valdetaro), passou a ser o centro da Maçonaria da Província, espécie da Grande Loja ou Loja Mãe, com poderes de fundar outras oficinas, que foram surgindo nos principais municípios.

Embora liberais, alguns maçons se opunham, por evidentes razões econômicas, à libertação imediata dos escravos, mesmo que gradualmente.

Na Loja Amizade, os irmãos Américo de Campos, Vitorino Carmilo e outros propuseram que “só fossem admitidos e a ela filiados aqueles que se comprometessem, sob juramento, a darem liberdade, aos filhos de suas escravas nascidos na Paróquia da Sé”.<sup>2</sup>

A proposta não foi aprovada, possivelmente porque restringindo somente à Sé, facilmente seria burlada e, por esse motivo, Américo de Campos se desligou da Loja Amizade e se filiou à América, da qual o irmão Bernardino de Campos era um dos fundadores.

“Em dia de abril de 1870, instalava-se, com grande pompa, na sede da Loja Amizade, a Fraternização, sociedade abolicionista da qual fez parte, entre outros, o famoso orador, Padre Chico. Lideravam o movimento os estudantes de direito.”<sup>3</sup>

Assim é que a Loja Amizade, que pouco antes se opunha à proposta de Américo de Campos, acolhia, agora, em seu templo uma sociedade abolicionista liderada por estudantes.

---

1 GIUSTI, Antônio. **A Maçonaria no Centenário (1822-1922)**. São Paulo, 1922 *apud* Bandechi, op. cit.

2 EGÍDIO, Paulo. **A província de São Paulo em 1888**. São Paulo, 1889.

3 CARVALHO, Antonio Gontijo de. Discurso pronunciado na Faculdade de Direito de São Paulo, in **Centenário do Conselheiro Rodrigues Alves**. vol II. São Paulo, 1951.

Uma sessão de iniciação importante – pelos seus futuros frutos – nesses primeiros tempos da Loja Amizade, ocorreu a 30 de novembro de 1832, quando foram iniciados três sacerdotes católicos, bem conhecidos e acatados na província e um jovem bacharel, com 23 anos de idade, o qual viria a ser figura de proa nos movimentos políticossociais de São Paulo, além de uma liderança maçônica nacional, respeitada e acatada durante setenta anos: Joaquim Inácio Ramalho, o futuro Barão de Ramalho.

A presença de três sacerdotes católicos entre os iniciados, coisa que, moderadamente pode parecer inconcebível, era absolutamente normal na época e ainda seria uma prática corriqueira. Até quase o final do século XIX, foi grande a presença de padres católicos nas oficinas maçônicas.

Em 1833, a Loja Amizade iria começar a sua atividade de semeadora de Lojas. Nesse ano, sob a sua égide, era fundada, em Bragança Paulista, a Loja Firmeza e Caráter, também na Obediência do Grande Oriente do Passeio, a qual, todavia, duraria apenas quatro anos, vindo a abater colunas em 1837. O mesmo ano de 1833 marcou a iniciação de outro padre, que foi um nome importante na história do Brasil na fase de transição do Primeiro para o Segundo Império: Diogo Antonio Feijó.

O padre Feijó já ocupava uma posição proeminente, a partir de 1831, quando, após a abdicação de D. Pedro I em 7 de abril, instalou-se a Regência Provisória, a qual se transformou em Permanente, a partir de 17 de junho de 1831, com Feijó, líder dos liberais, ocupando a pasta da Justiça. Em abril de 1832, quando houve um fracassado movimento restaurador do Primeiro Império, seguiu-se uma forte repressão, ele se demitiu do cargo.

No Brasil, poucas instituições têm tão prolongada existência como a Loja Amizade. Pelo seu pioneirismo e por toda sua história, atraiu e formou ilustres nomes de nossa sociedade, podendo ser citados: AMÉRICO Brasília DE CAMPOS, JOÃO MENDES de Almeida, Eleutério da SILVA PRADO, Antonio CARLOS GOMES, AMÉRICO BRASILIENSE de Almeida Melo, João CRISPINIANO Soares (Conselheiro Crispiniano), TEÓFILO Benedito OTTONI, AFONSO CELSO de Assis Figueiredo, FREDERICO de Avelar BROTERO, Joaquim Ignácio RAMALHO (Barão de Ramalho), JOSÉ MARIA LISBOA, JÚLIO Cezar Ferreira MESQUITA, JORGE TIBIRIÇÁ, BERNARDINO José DE CAMPOS Junior, entre outros, além de Clemente FALCÃO de Souza FILHO, cuja vida pública como sócio-fundador do Instituto dos Advogados de São Paulo e presidente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, credenciou-o a ser homenageado, conferindo seu nome ao logradouro que alcança a Rua Líbero Badaró, próximo da atual sede da Prefeitura da Capital. Tais figuras são exemplos de antepassados Irmãos que permitiram a perpetuação de nossa oficina até os dias atuais.



A **“Loja Amizade – A Pioneira”** remonta aos tempos do Império e não só testemunhou, como seus membros foram protagonistas ativos de momentos históricos de nosso país. Até por essa razão, não se pode olvidar o papel que os ideais maçônicos praticados em Loja tiveram para os destinos da nação, constituindo verdadeiros faróis a iluminar nossas práticas.



# Estandarte da Loja

O Estandarte criado para a ARLS Amizade, 141 – A Pioneira, é ornado com alguns símbolos e alegorias tradicionalmente aceitos e muito bem conhecidos dos irmãos maçons. Seu formato de pentágono irregular, é totalmente em tecido de cetim, tingido de dourado. Aplicadas sobre a parte superior do pentágono, lado esquerdo superior, a estrela flamejante, com 5 pontas, e no lado direito, superior, a lua, estilizada, sobreposta por 5 estrelas. No lado esquerdo inferior, encontra-se o esquadro e compasso, entrelaçados, sobre a coluna “J”, representando os companheiros e, no lado direito, inferior, sobre a coluna “B”, uma colméia, representando os aprendizes. No centro, um sol estilizado em forma de rosto, margeado por 32 raios que emanam do centro. Na parte superior, aparece a data de fundação da Loja Amizade, 13/05/1832, sobre os seus títulos de Grã-Benfeitora e Grã-Benemérita. Na parte inferior, a data de 07/09/1969, data de seu retorno à regularidade e filiação definitiva ao Grande Oriente de São Paulo e Grande Oriente do Brasil.

Este estandarte foi copiado em 1969, sendo replicado e atualizado. O estandarte anterior, criado em 1873, encontra-se em desuso, porém arquivado no Espaço Décio Piagentini, pertencente à Loja Amizade, localizado no Largo Paissandu nº 51, 8º andar, sala 809. O tecido que o compõe é de brim, tingido de dourado, e todas as alegorias são feitas em “fio de ouro” (metal banhado a ouro), em alto relevo. Sobre o sol estilizado, apenas a palavra “AMIZADE”, e sob o sol, a data 1.873



# Sua interpretação

O estandarte, pleno de símbolos maçônicos, não faz referência ao grau de mestre maçom. Estão representados tão somente os graus de aprendiz e companheiro. O Sol e a Lua estão ali colocados, o primeiro representando a Razão que ilumina a Inteligência, e a Segunda como a Imaginação que abrilhanta os pensamentos, e ambos, o eterno Mestre da Loja que simboliza o princípio consciente que é iluminado sob a dupla influência do Raciocínio e da Imaginação. A colméia ali encontrada, e um dos símbolos mais antigos da maçonaria.

Chamada símbolo da indústria, porque ela demonstra claramente, que o homem deve cooperar com seus semelhantes para alcançar de um modo total mútuo desenvolvimento. Também encerra uma mensagem muito mais profunda porque cada alma vivente é uma abelha que viaja pela vida e recolhe o pólen da sabedoria nos distintos ambientes e experiências. Assim como a abelha suga o mel do coração da flor, cada um de nós deve extrair o néctar espiritual de cada acontecimento, de cada gozo, de cada sofrimento, e levá-lo à grande colméia da experiência: o corpo-alma do homem. Da mesma maneira, se diz que as energias espirituais no homem tomam, eternamente, as forças vitais que ele está transmutando e as leva à colméia do cérebro, onde é armazenado o mel necessário para a manutenção da vida. Também o sol radiante estilizado, com somente 32 raios, 16 convergentes e 16 divergentes, conduzem tão somente ao ser único, graduado no grau máximo do Rito Escocês Antigo e Aceito, praticado pela oficina.



## **Referências Bibliográficas**

BANDECHI, Pedro Brasil. A Bucha, a Maçonaria e o espírito liberal. São Paulo: Livraria Teixeira, 1978;

CASTELANNI, José. Loja Amizade. In: A Trolha. Londrina, PR: ed. Maçônica A Trolha. n. 93. jul. 1994;

\_\_\_\_\_. Grande Oriente de São Paulo – 75 Anos. São Paulo: Ed. Grande Oriente de S. Paulo, 1996;

CASTELLANI, José e FERREIRA, Cláudio. Amizade: A primeira loja maçônica na História de São Paulo. São Paulo: Amizade ed., 1996;

DISCURSO proferido pelo Dr Andreino de Assis no aniversário da Loja Amizade, em 13 de maio. Ghimél: publicação oficial da Maçonaria Paulista. Anno II. n. 6. São Paulo, mai. 1928;

OS PRIMÓRDIOS da Maçonaria de São Paulo. Disponível em: <http://www.polibusca.com.br/texto.aspx?idTxt=171> >. Acessado em 13 set. 2011

Presidente

**Venerável Mestre Francisco Maria da Silva (M.: I.)**

Coordenador

**Alan Fernandes (M.: M.)**

Revisores

**Alexandre Lopes (M.: M.)**

**Siomara Szacon**

**A Fundação da  
Loja Amizade - "A Pioneira"**